

# O show de paradoxos de Alice Cooper

Encantado por Lady Gaga, roqueiro sessentão que canta sexta no Rio diz que ninguém mais consegue chocar nos palcos

Michele Miranda

**R**eligioso, pai careta, marido fiel, avesso a drogas, encantado por Lady Gaga e convertido a um mundo alheio à sua invenção... Aos 63 anos, Alice Cooper, ou Vincent Fournier, é uma coleção de paradoxos, que tenta de todas as maneiras adaptar-se a uma realidade muito diferente daquela que criou. Ainda nos anos 1970, seu objetivo principal era chocar a plateia e os críticos de música através da teatralidade encenada no palco.

— Apesar de ser um som de que eu não goste, admiro o que Lady Gaga vem fazendo. Ela é muito boa, mas não é capaz de chocar a plateia, somente divertir. Aliás, ninguém mais é capaz disso no entretenimento. Estive em um de seus shows, e, no final, ela veio me agradecer por poder se utilizar do meu estilo de apresentação. Fiquei lisonjeado, foi um megaelogio. Fico muito feliz quando artistas como ela, Marilyn Manson ou Slipknot dizem que encontraram inspiração em mim — teoriza, em entrevista por telefone, o cantor americano, que se apresenta sexta-feira, às 22h, no Citibank Hall. — A realidade exibida nos noticiários é que aterroriza os espectadores hoje em dia. Nada do que a gente faça no palco vai ser mais forte do que guerras, fome e pobreza.

É com essa pinta de bom moço que Cooper apresenta — ironicamente — a turnê “No more Mr. Nice Guy” no Rio.

— Eu sempre quis ser o Capitão Gancho no cinema. Adoro os papéis de vilão, acho mocinhos muito chatos. Qual é a graça de ser o Peter Pan?

Apesar de questionar a bondade na ficção, ele não pensa duas vezes antes de agradecer a Deus por ter se mantido longe das drogas e elege como Frankenstein desta geração (em referência a “Feed my Frankenstein”, um de seus clássicos) o terrorista Osama Bin Laden.

— O maior Frankenstein do momento foi morto no Paquistão. É um alívio para o mundo. Não se pode misturar religião e política. Digo isso porque sou cristão, mas não extremista. A religião influencia muito a minha vida e a minha maneira de pensar. É meu estilo de vida. É graças a Deus que eu sempre fiquei longe de drogas, da prisão, de problemas e que sou casado com a mesma mulher há 35 anos, sem nunca tê-la traído. Meus filhos já estão crescidos e encaminhados, têm profissão e nunca deram problema.

**Contra os ‘indies’ mauricinhos**

Mesmo disfarçado de vilão de filme de terror e envolto em riffs de heavy metal, Cooper acaba sendo um purista do rock. Ele defende a teatralidade no palco contra a simplicidade pregada, por exemplo, pelo movimento *indie*, que sobe aos palcos de terno e gravata.

— Ainda trabalho com efeitos visuais. Eu não poderia estar em uma banda sem isso. Nosso show tem a energia do rock, mas diferente do AC/DC e do Iron

Maiden, por exemplo. Dei vida a esse tipo de espetáculo, porque eu queria que a pessoa da última fila de um estádio pudesse sentir o show. Bandas com integrantes de calça jeans e camiseta não me interessam de jeito nenhum. Eu julgo pela qualidade da música, só que o visual tem que acompanhar o bom gosto, está interligado. Mas sou eclético e gosto de todos os tipos de música. Sou capaz de ouvir The Strokes e pular para Tom Jobim. Adoro bossa nova tanto quanto heavy metal. Eu só ignoro mesmo country e disco, por razões que precisam ser discutidas.

Se os fãs brasileiros estão ansiosos pela chegada desta lenda do rock, Cooper também mal pode esperar por sua quarta vinda aos palcos brasileiros. Ele garante os *hits* “School’s out”, “Poison”, “No more Mr. Nice Guy” e “Billion dollar babies” no repertório.

— O Brasil é um país maravilhoso e exótico. Eu e minha banda sempre relembramos as apresentações incríveis que fizemos aí. E, talvez por causa do carnaval, vocês são mais preparados para um show energético como eu gosto de fazer.

E fôlego não falta. Cooper vai lançar, ainda neste ano, o álbum “Welcome 2 my nightmare” — uma espécie de continuação do clássico “Welcome to my nightmare” — e afirma estar estudando a possibilidade de participar da produção de uma montagem na Broadway inspirada em sua carreira. Ah, e vem um *rockumentary* por aí em 2012... ■



ALICE COOPER: filhos encaminhados depois de um casamento de 35 anos sem puladas de cerca

## A guitarra baiana muito além do carnaval

Com som urbano e original, BaianaSystem mostra a versatilidade do instrumento

Carlos Albuquerque

**A** guitarra baiana é um negócio da China. Responsável pela entrada do instrumento consagrado por Dodô e Osmar numa outra dimensão, bem além do carnaval, o BaianaSystem acaba de voltar de uma série de shows e *workshops* em Xangai. No Oriente, o grupo, liderado por Roberto Barreto, mostrou o seu produto de exportação número um: música brasileira, original e urbana, que troca notas com Jamaica, África e ritmos eletrônicos, sem perder o seu valor.

**Diálogo com outros ritmos**

Com um disco gravado (com participações de BNegão, Buguinha Dub, Geronimo e Lucas Santtana) e outro a caminho, o BaianaSystem tira a guitarra de cima dos trios elétricos e a coloca no chão, em pé de igualdade com os *sound systems* de reggae, que influenciaram até mesmo o seu nome, e com o *groove* africano de nomes como King Sunny Ade e Ebenezer Obey. Nenhuma mistura de chicle com banana por ali.

— Eu acho que a guitarra baiana pode e deve dialogar com outros ritmos, com o que está acontecendo hoje pelo mundo, e não apenas com o frevo e o som do carnaval — diz Barreto, que criou o grupo, em 2009, depois de trabalhar com Armandinho e a Timbalada, de Carlinhos Brown.

Filho de um dos fundadores do Bloco do Jacu, um dos mais tradicionais do carnaval baiano, Barreto tem a folia no seu DNA, mas foi evoluindo até chegar ao formato inovador do BaianaSystem.

— Na verdade, eu comecei tocando bandolim e só depois passei para a guitarra baiana — revela o músic



ROBERTO BARRETO, líder da banda: CD pode ser baixado no site

co, que se profissionalizou aos 16 anos e chegou a acompanhar Ivete Sangalo no início da carreira.

A virada se deu quando começou a tocar com o percussionista argentino, radicado no Brasil, Ramiro Musso (falecido em 2009), e depois, quando integrou o grupo Lampirônicos.

— O Ramiro pensava na guitarra baiana de uma forma diferente e no Lampirônicos essas experimentações também eram possíveis. Aos poucos, fui percebendo que o instrumento tinha uma grande versatilida-

de — conta Barreto, que apresenta, há quatro anos, um programa de reggae e música africana numa rádio de Salvador. — Fazer o programa também me deu incentivo e informações para tentar novos caminhos. Cheguei até a tocar guitarra baiana com tabla e cítara.

Dessa mistura de tradições, influências e inquietações, surgiu o grupo, que gravou o seu primeiro disco, que tem o nome do grupo, de forma independente, em 2010. Na formação, Russo Passapusso (vocais), Wilton Batata (percussão), Marcelo

Seco (baixo) e Chico Corrêa (bases eletrônicas).

— O Chico tem um papel importantíssimo no BaianaSystem, é o chão do grupo — garante Barreto, falando sobre o músico e produtor paraibano, que tem uma elogiada carreira solo. — Ele manipula ritmos que nós mesmo criamos, dentro de uma estética dub. E aí eu uso a guitarra baiana quase como uma voz dentro dessas texturas, fazendo variações em cima delas.

Nos shows, no site e na capa do primeiro disco (que pode ser baixado livremente no endereço [baianasystem.com.br](http://baianasystem.com.br)), o grupo ganha uma identidade própria, graças aos visuais criados pelo designer Filipe Cartaxo, que Barreto considera quase um sexto integrante.

— O Filipe está com a gente desde o começo e entendeu bem o nosso som. Ele criou um visual próprio para a banda, entre painéis, LEDs e projeções, a partir dessa mistura de África, Caribe e Bahia.

**Redescoberta do instrumento**

Enquanto preparam a gravação do segundo disco, que deve sair até o fim do ano, com participações de Curumim e Lazzo, Barreto e o BaianaSystem assistem, de camarote, à renovação do instrumento que lhes deu destaque.

— Tem um movimento muito bacana de redescoberta da guitarra baiana. Quem está puxando isso são caras como Moroto Slim, do Retrofoguete; Julio Caldas e Marcos Moleta, que toca com o Moraes Moreira e faz umas misturas legais com cumbia — diz Barreto, em sintonia com os versos da música “Frevo foquete”, cantada no disco por Lucas Santtana (“O que será da guitarra baiana? Como serão os futuros carnavais?”). ■

## Americana faz livro com entrevistas sobre choro

Apaixonada pelo gênero, flautista lança obra cujo formato é baseado em trabalho de 1936

Luiz Fernando Vianna

**T**udo começou ao ouvir, em 1995, o disco “Pixinguinha, de novo”, de Altamiro Carrilho e Carlos Poyares.

— Foi uma transformação completa. O choro mudou minha vida — conta a flautista americana Julie Koidin.

Ela passou a dedicar a maior parte de seu tempo ao gênero criado nos quintais cariocas. Formou um duo em Chicago com o brasileiro Paulinho Garcia, fez uma tese de doutorado sobre Benedito Lacerda e agora, resultado de uma bolsa da fundação Fullbright, lança o livro “Os sorrisos do choro” (editado pela Global Choro Music), reunindo 52 entrevistas, quase todas com músicos.

O formato é assumidamente inspirado em “O choro”, livro escrito em 1936 por Alexandre Gonçalves Pinto e uma das primeiras obras sobre o estilo.

— Minha ideia é criar para a nossa e para futuras gerações uma base sobre os chorões de hoje, como fez Gonçalves Pinto. Uma das minhas perspectivas é que sou estrangeira, mas também sou um músico como a maioria dos meus entrevistados. Isso faz com que me sinta no mundo deles. Mas também estou fora desse mundo, por-

que sou de outro país. Eu me sinto como uma criança, tentando aprender e experimentar o que é o Brasil — diz ela.

O livro, portanto, não tem uma tese. É um painel de histórias e opiniões colhidas em entrevistas feitas pessoalmente — só a de Izaías do Bandolim foi por Skype — com artistas de várias gerações, de César Faria a Yamandu Costa, de Joel Nascimento a Rodrigo Lessa, passando por Hermeto Pascoal, Guinga, Henrique Cazes, Mauricio Carrilho e outros.

Renovação é um tema fundamental quando o assunto é choro. O gênero tem praticantes e admiradores que não gostam que se mexa muito no que acreditam ser regras.

— Conversei com pessoas consideradas “renovadoras” e “tradicionalistas”. É muito difícil para qualquer forma de arte ficar estática, resistindo à influência de outros artistas, culturas e economias. Para mim, há lugar para o choro tradicional e também para pessoas usando instrumentação fora do tradicional, com harmonias diferentes — diz Julie, que, embora o cite no livro, lamenta não ter tido tempo de entrevistar o bandolinista “renovador” Hamilton de Holanda. — Acho que preciso fazer mais um livro. Talvez um conjunto de livros. ■



JULIE KOIDIN: 52 entrevistas feitas para “Os sorrisos do choro”